



VISTA GERAL DA FREGUESIA

INTRODUÇÃO

Imaginar como seria o termo de Lisboa para noroeste ao longo dos séculos e da história, constitui uma árdua tarefa, tendo em conta que os quilómetros de quintas e arvoredos que, no passado, constituíam os grandes intervalos dos pequenos núcleos rurais de casario se encontram, hoje, peçados de edifícios, de bairros com apenas uma árvore aqui e ali, ou uma praça ajardinada, onde os pequenos já não vêm brincar e os mais velhos pouco se demoram.

Sete Rios e Benfica constituíam locais de vilegiatura no século XIX. Tinham crescido à volta dos conventos que, desde sempre, eram núcleos aglutinadores de casario e estruturantes de vivências. A mata de Benfica, local privilegiado na "ida às hortas" ao domingo, era, nas décadas de 30/40, o local das merendas de domingo à tarde: uma ida ao jardim zoológico e uma sesta bem passada, retemperando as forças no ar puro do campo, para mais uma semana de trabalho.

Os passeios no Aqueduto às Portas de Benfica e os Retiros fora de portas são o que nos fica da época de setecentos e de oitocentos.

Mas São Domingos de Benfica foi e é hoje muito mais.

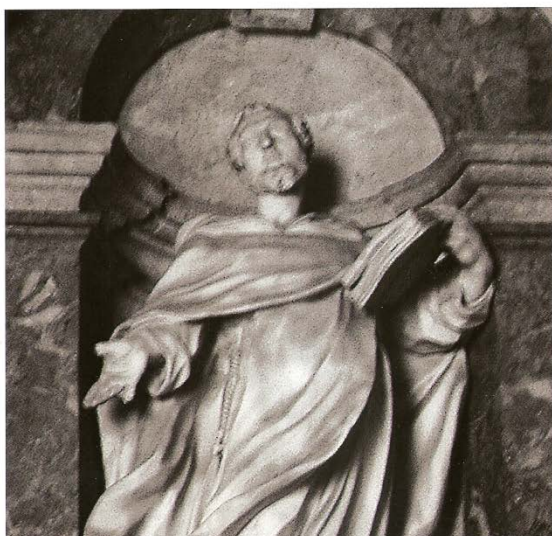
Da influência dos frades dominicanos, de São Tomás de Aquino ou de São João de Deus sente-se, hoje, na alma do tempo e do espaço, o moldar dos sítios e a caracterização dos lugares.

E se foram os reis os primeiros a olhar cobiçosos estes ares bons de São Domingos, a Ordem Dominicana emprestou-lhe o nome no século XIV, e os fregueses construíram-lhe a feição moderna de cidade.



S. DOMINGOS DE BENFICA
Painel de azulejos setecentistas do lado esquerdo do transepto da Igreja de N.ª Senhora do Rosário.

*São Domingos
de Gusmão*
Fundador e Apóstolo



S. DOMINGOS DE BENFICA

Nasceu Domingos por volta de 1170 em Caleruega, perto de Burgos, Espanha. Filho de D. Félix de Gusmão e de D. Joana de Aza, pertencentes à pequena nobreza, desde muito cedo foi destinado pelos pais a seguir a carreira eclesiástica, tendo dado início aos estudos pela mão de um tio materno, que era padre.

Quando tinha cerca de catorze anos, foi para a escola da Catedral de Palência estudar filosofia e teologia. Depois de completar os estudos, com vinte e quatro anos de idade, entrou para o Cabido dos Cônegos Regentes da Catedral de Osma, sendo ordenado Sacerdote.

Ao ser escolhido pelo seu Bispo Diogo de Acebes para fazer parte de uma embaixada à Dinamarca com a missão de tratar do casamento do rei D. Afonso VIII de Castela, desenhou-se no horizonte de Domingos uma nova vocação. Atravessou o sul de França, onde travou conhecimento com a heresia dos Albigenses e na Dinamarca observou a intensa actividade missionária do clero Dinamarquês entre os pagãos da região do Báltico. Inflamado de zelo missionário, foi com entusiasmo que Domingos acompanhou de novo o seu bispo quando este, por ordem do Papa Inocêncio III, empreendeu a viagem em direcção a França para pregar e converter os heréticos albigenses. Percorreram a região em todas as direcções, andando a pé dois a dois, levando consigo apenas os livros e o estritamente necessário para a sua sobrevivência.

Um dos êxitos de Domingos foi a conversão de algumas mulheres albigenses, fundando para elas o mosteiro de Prouille, perto de Fangeaux, onde estabeleceu o seu quartel-general. Foi este o primeiro mosteiro das Dominicanas da Segunda Ordem.

Ao longo deste período da sua vida, estando profundamente envolvido em actividades missionárias, Domingos começa a tomar consciência que apenas uma Ordem Religiosa podia dar à Igreja a dádiva

continua de pregadores bem preparados que necessitava. Demonstrando uma extraordinária sensibilidade e inteligência face aos sinais dos tempos, Domingos apercebe-se que o carácter da heresia cátara, com os seus líderes austeros e instruídos, pregadores convictos versados nas Escrituras, que exigia um corpo organizado de pregadores, especialmente versados no estudo da teologia, e preparados para enfrentar os desafios que se punham à unidade da Igreja.

Foi em Fanjeaux, durante os anos de 1213-14, que se discutiu seriamente a fundação de uma Ordem, e já na Primavera de 1215, um Convento da Ordem de S. Domingos surgia em Toulouse, onde Domingos fixou residência.

Mas havia obstáculos a vencer. Na agenda para o Concílio, havia uma proposta de proibição de fundação de novas Ordens Religiosas. O Papa Inocêncio aconselhou Domingos a escolher uma das Regras já existentes para os seus monges pregadores. Obediente à hierarquia, como sempre foi, Domingos escolheu então a Regra de Santo Agostinho.

Foi com a ascensão à cadeira papal de Honório III, após a morte de Inocêncio, que foi concedida a Domingos a bula de confirmação, aprovando a Ordem. Foi também reconhecida a novidade das ideias de Domingos e aprovada a fundação de uma Ordem que teria o seu nome, que seria uma Ordem de Pregadores.

Domingos pregou com simplicidade e convicção, levando uma vida de asceta. Dele disse Frei Gerardo de Franchet o seguinte: "Tinha o seu amor tão fixo no Senhor que a sua alma vivia abstraída não só das grandes coisas exteriores, mas também das mais pequenas e, em tal grau, que as suas vestes, livros, calçado e até a navalha e outras pequenas coisas que levava eram pobres; e repreendia o excessivo cuidado e ornato nisso".

A Ordem dos Pregadores, fundada por Domingos de Gusmão, era de um género inteiramente novo. Punha ao serviço dos bispos um corpo de pregadores instruídos e preparados para uma pregação regular, especialmente nos grandes aglomerados populacionais. Com a criação desta Ordem, Domingos revelou a sua enorme sensibilidade para as necessidades da Igreja: divulgação da palavra de Deus; combate às heresias; conversão de heréticos em França, mouros e apóstatas em Portugal e Espanha; reconciliação dos que renegavam a fé, e fortalecimento e apoio aos que se encontravam à beira da heresia e da apostasia. Tudo isto exigia uma grande preparação teológica da parte dos pregadores, o conhecimento de línguas estrangeiras, o estudo aturado dos textos sagrados, o conhecimento profundo de outras culturas.

Domingos dotou os seus pregadores de mobilidade e flexibilidade, trabalhando em grupos de dois, como os apóstolos, e criou a dispensa funcional, mediante a qual quem estuda e prega, também serve a Deus porque é também uma forma de oração.

Por tudo isto, a Ordem de S. Domingos correspondia às necessidades da Igreja e da sociedade, providenciando o regresso às Escrituras e aos tempos apostólicos, em tempos de calamidade, confusão e cisma.

Tendo como ponto de partida as ideias originais de Domingos de Gusmão, o seu sucessor, Jordão de Saxónia, irá organizar e expandir o sistema académico e seus mistérios, organizando a pregação em terras estrangeiras.

A penetração da Ordem de São Domingos, ainda em vida do seu fundador, foi enorme: França, Itália, Espanha, Alemanha, Escandinávia. A Europa foi dividida em oito províncias e foram enviados pregadores à Hungria, Polónia e Inglaterra.

De início, a acção da Ordem centrou-se sobretudo na pregação. Mais tarde, será acrescentado o ensino e depois a missão evangélica. Do ponto de vista teológico, foram surgindo importantes escolas de pensamento: a dos dominicanos, tendo à frente o célebre S. Tomás de Aquino, em contraponto com a dos franciscanos, mais místicos, que reagiram contra o tomismo e racionalismo dominicano, que pretendia conciliar fé e razão, dogma e filosofia.

É com o dominicano Tomás de Aquino que a filosofia da Cristandade atinge o seu período de maior esplendor, através da criação de um vasto sistema filosófico e teológico destinado a defender a fé. Discorrendo sobre as paixões humanas, Tomás de Aquino tomou o caos inanimado da substância e modelou-o, dando-lhe significado e forma.

Mas foi graças à inspiração inicial de S. Domingos de Gusmão, que surgiu a primeira Ordem Apostólica que combina a consagração contemplativa e o ministério apostólico dos doze Apóstolos e da Igreja primitiva. Santa Hildegarda, cujas profecias foram aprovadas pelo papa Eugénio, profetizou em certa ocasião, estando presentes São Bernardo e outros cardeais: *"Depois daquela época débil que começou em 1100, chegará a época forte – 1215 – em que haverá homens decididos que profetizarão e entenderão todo o novo e o velho da Escritura, e tudo o ditado pelo Espírito Santo. Por eles e por outros sábios, muitos se farão bons e viverão santamente. Esta época durará até à chegada de um tempo incerto em que se derramará o sangue de muitos mártires"*⁽¹⁾.

E cumpriu-se a profecia.

Maria Lucília F. Meleiro

(1) Frei Gerardo de Franchet, "As Vidas dos Irmãos", Poetas dominicanos.



Quadro sinóptico

de efemérides

da história de Portugal

e da vida de

S. Domingos de Gusmão



P O R T U G A L

D. Sancho, futuro Rei de Portugal, faz uma expedição militar para Sul, até à Andaluzia e arredores de Sevilha.	O Papa Alexandre III reconhece a D. Afonso Henriques o título de rei de Portugal.	Ofensiva Muçulmana. Cerco de Santarém.	Morte de D. Afonso Henriques. Sobe ao trono D. Sancho I.	Conquista de Silves. D. Sancho I restaura dioceses de Ossónoba (Faro), Egilânea (Idanha).	Califa Al-Mansur reconquista Silves e devasta a Estremadura.
1178	1179	1184	1185	1189	1190

1171

Nascimento de Domingos de Gusmão em Calaruega, Burgos (Espanha).

1189

Domingos estuda em Palência (Espanha).

S. DOMINGOS DE GUSMÃO

Nascimento de Santo António de Lisboa.	Tratado de aliança entre D. Sancho I, D. Afonso III de Castela. D. Afonso III de Aragão e rei de Navarra. Guerra entre D. Sancho I e D. Afonso IV.	Papa Inocêncio III recebe D. Sancho I sob sua protecção. D. Sancho I cede territórios aos Templários. Mestre da Ordem de Calatrava dá foral a Coruche.	Colonos francos em Vila Franca.	Fome e peste em Portugal.	Consagração da Sé de Évora.
1195	1196	1198	1200	1202	1204

1194-1198

Domingos pertence ao Cabido dos Cônegos Regentes da Catedral de Osma (Espanha).

1201

Domingos é Sub-prior de Osma (Espanha).

1203

Domingos é escolhido pelo seu Bispo para acompanhar uma embaixada à Dinamarca com a finalidade de tratar do casamento do rei Afonso VIII de Castela.

PORTUGAL

		Morte de D. Sancho I. Sobe ao Trono seu filho D. Afonso II. Salvaterra, que pertenceu em tempos à Ordem de Calatrava, é conquistada pelos almôadas. Rei de Leão invade Portugal.	Batalha de Navas de Tolosa. Coligação de Castelhanos, Aragoneses, Navarros e Portugueses derrotam califa Al-Nasir.	Foral de Castelo Branco (Templários).
1210	1211	1212	1213	
1205-1206 1207	1208		1213-1214	1215
Domingos prega aos Cátaros heréticos.	Domingos regressa à sua diocese para recrutar pregadores e recolher fundos para o apostolado. Funda mosteiro em Prouille. Disputas teológicas com os Cátaros.	Assassinato do legado papal pelos Albigenses. Inocência III proclama cruzada contra os heréticos. 1208-1215 Domingos permanece no Languedoque (Sul de França). Funda Ordem dos Pregadores.	Fundação de uma casa da Ordem de São Domingos em Fangeaux, Languedoque (Sul de França).	Ordem dos Pregadores - fundação de convento em Toulouse.

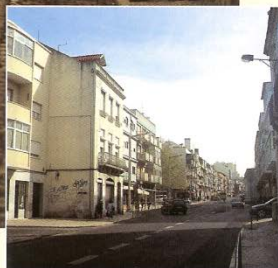
S. DOMINGOS DE GUSMÃO

D. Afonso II conquista definitivamente Alcácer do Sal aos muçulmanos, com a ajuda dos Cruzados. Pregadores dominicanos em Portugal anunciam a palavra de Deus.	Santos Mártires de Marrocos (Franciscanos).	Santo António parte para Marrocos.	Morte de D. Afonso II. Sucede-lhe seu filho D. Sancho II.	Conquista progressiva do Alentejo e Algarve pelo rei D. Sancho II e pelas Ordens Militares de Santiago, Calatrava e Hospital. Até esta data, mais de metade do que é hoje Portugal era ainda muçulmano.
1217	1219	1220	1223	1226-1238

1217	1218-1219	1218	1221	1231	1233	1234
Domingos envia pregadores para Paris, para Espanha e Portugal. Admite estudantes universitários. Confirmação da Fundação da Ordem dos Pregadores por Bula papal; o Papa Honório III reconhece a novidade das ideias de Domingos de Gusmão.	Domingos de Gusmão em Roma, Sul de França, Espanha, Bolonha. Funda novas casas dominicanas em Bolonha, Lyon, Segóvia, Montpellier, Bayonne, Limoges. Jordão de Saxónia entra para a Ordem.	Fundação do 1.º Convénio em Portugal (Santarém).	Morte de Domingos de Gusmão em Bolonha (6 de Agosto).	Criação da Inquisição pelo Papa Gregório IX.	Jordão da Saxónia, sucessor de Domingos na Ordem, translada reliquias fúnebres do Santo.	Canonização de Domingos de Gusmão pelo Papa Gregório IX (3 de Julho).



ESTRADA DE BENFICA - 1938
Junto à Travessa de S. Domingos de Benfica



ESTRADA DE BENFICA - 2005
Eixo principal da freguesia, centro de serviços, foi durante o séc. XIX o centro da ruralidade com palácios e quintas de grandes hortas verdejantes.
A construção urbana modificou-lhe o aspecto, tornando-a comercial, pontuada por algum do comércio tradicional resistente, e entrecortada na sua frente de rua por palácios e palacetes que lhe moldaram a vivência e lhe perpetuam as memórias.

Percursos

em São Domingos

de Benfica



CHAFARIZ DA PALMA DE BAIXO - 1953

LARGO DA PALMA DE BAIXO - 2005

O chafariz público que durante anos garantiu o abastecimento de água os habitantes do bairro, é, hoje, o centro de um parque automóvel.



1. *Contextualização* *histórica e geográfica* *da freguesia*

São Domingos de Benfica é uma freguesia de contrastes, resultado das diferenças, da evolução e das transformações que o território metropolitano sofreu no passado e, com mais celeridade, vai sofrendo, agora, no presente.

O pretérito secular que se vive nos muros e nas pedras do património construído, paredes-meias com o património natural, teima em permanecer, mantendo a identidade e o valor da convivência da vida rural, palaciana e solarenga.

O crescimento da cidade nas últimas décadas mantendo-lhe a Estrada de Benfica e a Estrada das Laranjeiras como eixos principais que eram de saída da cidade, criou-lhe um conjunto de urbanizações desordenadas, desenvolvidas à volta de pré-existências históricas, algumas refuncionalizadas, concedendo-lhe o estatuto de bairro satélite da cidade. O caos do trânsito, a não programação de infra-estruturas urbanas culturais ou desportivas, a terciarização, a ocupação dos espaços livres, o desaparecimento das matas em favor das torres de betão e de vidro, das estradas e de viadutos, são hoje o retrato deste território. Relação de equilíbrio complicado entre um passado rural, comunitário, rico e de um certo fausto e um presente urbano, anónimo e individualista que constitui hoje a essência de S. Domingos de Benfica.

Criada em 1959, resultado do desmembramento da freguesia de Benfica, o território de S. Domingos de Benfica faz remontar a sua história aos primeiros anos de emergência da humanidade, atestados pelos vestígios de ocupações pré-históricas, como as identificadas estações arqueológicas de Soeiros, Alto de Perdizes, Moinho das Cruzes e a chaminé de Campolide, junto ao caminho de ferro. O topónimo de Monsanto perpetua a existência de um monte sagrado no período pré-romano; e os romanos não terão, certamente, esquecido, este local do termo, de bons ares, rico em terras e

água, local atractivo à fixação de populações: objectos sagrados e de culto funerário encontrados junto do convento de S. Domingos são a prova de uma permanência efectiva de séculos.

Serão os muçulmanos, contudo, exímios agricultores, os primeiros a transformar o local num aprazível manto verde constituído por hortas e almoínhas que, por vários séculos, identificaram a paisagem e a história deste vale, então cortado pela ribeira de Alcântara, onde a água corria límpida, fertilizando as margens. São escassos os testemunhos físicos da permanência muçulmana no território. Porém a toponímia de Campolide, Alfovelos e Benfica são, seguramente de origem árabe. Ao lado das histórias da história parece ser Benfica um topónimo mouro derivado de uma alcunha "ben" (filho) e "fiq" (indivíduo de elevada estatura).

Conquistada Lisboa, a política de tolerância que pautou os reis portugueses da Idade Média permitiu não só aos muçulmanos conquistados continuarem nas suas terras, como também que os mouros forros, mais tarde designados por saloios, se constituíssem como um tipo social bem definido, característico deste lugar, "de cor trigueira", pele tostada pelo sol, e com um comportamento económico e cultural muito característico.

Por outro lado, nobres e ordens religiosas tomavam conta destes territórios, doados pelo Rei como recompensa de serviços prestados.

O sítio de Palma era, assim, amiúde, referenciado como local de boas vinhas e cobiçado por vinhateiros e comerciantes, enquanto que todo o território de Benfica gozava de uma merecida fama de bons ares e terreno agrícola fértil.

É, no entanto, no reinado de D. Dinis que os Paços Régios de Benfica são erguidos, precisamente no mesmo local onde, cerca de um século mais tarde, se construiria o Convento de S. Domingos.

Importante pólo estruturador chamou para seu redor, população bastante, para que, cerca de 1322, o local se designasse como Benfica-a-Nova, a par dos paços d'el-rei, distinguindo-o de Benfica-a-Antiga, aglomeração em volta da Igreja de Santa Maria de Benfica – hoje de invocação a N.ª Sr.ª do Amparo. Neste extensíssimo arrabalde da cidade muralhada, todavia, raramente se assinala, na documentação conhecida, a presença dos soberanos no Paço construído.

Por influência de João das Regras, D. João I faz doação das terras e do local do Paço à Ordem Dominicana, para ali, a seu contento, edificarem um Convento. É este monarca que a tradição diz dever-se o topónimo de Benfica: rezam as histórias que ao visitar o sítio, encantado com as suas características climáticas e paisagísticas teria pronunciado por várias vezes “bem fica”, referindo-se à localização do Convento.

Frei Vicente de Lisboa foi o fundador do convento, cujas obras foram custeadas com o produto das esmolas e com a receita da venda de colheres de pau fabricadas pelos frades.

Em 1399, encontram-se os dominicanos instalados na sua nova casa, promovendo o desenvolvimento e o crescimento demográfico e económico da zona.

No século XV, Benfica era já sede de julgado no termo de Lisboa, possuindo dois juizes privativos. Na Estrada de Benfica, movimentada desde sempre e agora passagem da corte no seu caminho para Sintra, fixavam-se as populações. Mais a Este, abrindo-se desde a confluência dos sete riachos – hoje Sete-Rios –, a Estrada da Luz tornava-se concorrida depois da construção da Igreja da Luz, no século XVI, permitindo às gentes da cidade o caminho de romagens frequentes.

Abertas desde Palhavã, estas duas estradas foram fundamentais para a história e desenvolvimento do território urbano da freguesia. Foi, na verdade, a partir do século XVI, que os nobres, procurando

bons ares e fugindo aos cataclismos do centro da cidade, vieram estabelecer-se com quintas, casario e palácios ao longo destas estradas, aumentando o número de locais habitados e desenvolvendo a urbe no seu termo.

Três Irmandades e várias Ordens Religiosas dividiam o vasto vale de Benfica. O local progredia e crescia, espalhando-se principalmente nesta Estrada de Benfica que será sempre a espinha dorsal da freguesia. Detentora de um clima temperado, ameno, terra fértil e rica em águas, com uma paisagem tranquila e excelente, tornara-se local propício ao convívio, veraneio e convalescença de gentes abastadas da capital que, à sombra dos conventos, buscavam sítio para construir suas casas de campo. Arroteada e loteada a chameca, são muitos os candidatos a compradores que, buscando a sombra protectora dos Conventos, desde logo aqui vêm construir as suas quintas com formosos jardins, pomares extensos e fontes de água pura, importantes e faustosos palácios que se tornam centros de festas, serões e récitas frequentes, concorridos pelas gentes do centro da capital.

No século XVIII, a construção do Aqueduto das Águas Livres contribuiu para um novo surto demográfico dado o número de famílias que, atraída pela beleza destes arrabaldes, aqui resolve instalar-se. Em meados do século, porém, o fatídico terramoto do centro da cidade seria, no dizer de Júlio de Castilho, o seu “povoador à bruta”. A freguesia pouco afectada pelo cataclismo e suficientemente longe do centro dizimado é, então, procurada por burgueses e nobres que aqui vêm promover as suas casas de campo e até residências fixas. Cosmopolita, endinheirada, faustosa, aliando à construção erudita todo um conjunto de jardins e parques, vê o seu território construído aumentar, organizar-se, transformando-se em zona cobiçada por todos.



CONVENTO ST.º ANTÓNIO DA CONVALESCENÇA

A feira de Benfica, realizada então uma vez por ano, torna-se cenário concorrido, procurada por pândegos e boémios. No século XIX, este cenário campestre e sedutor, pleno de casas ricas, jardins e pomares, onde começam a chegar os transportes públicos, é integrado no Concelho de Belém. As indústrias aí instaladas desde o final do séc. XVIII, a Fábrica das Chitas em Sete Rios e a Fiação de Sedas numa dependência da Fábrica Real das Sedas, nas Laranjeiras, atraem um novo tipo de habitantes, que vão, a pouco e pouco, construindo casas humildes à beira das duas grandes vias de acesso, salpicando de construções estes terrenos rurais.

No decurso das Invasões Francesas, quando o Marquês de Fronteira organizou milícias populares que deveriam resistir aos exércitos franceses de Massena, toda esta população se envolveu, juntando-se aos criados do Marquês, aos frades de S. Domingos e aos de St.º António da Convalescença, preparados, com armas improvisadas, aos maiores feitos. Constituíram a célebre, na altura, "Legião de Benfica".

A preocupação cultural e a transferência de eventos desta natureza do centro ao arrabalde



TEATRO THALIA
Neoclássico na sua estrutura arquitectónica é um dos raros edifícios funcionais que, apesar de abandonada a função, mantém o aspecto e a dignidade do classicismo da fachada.

permitiram ao Conde de Farrobo, a promoção da construção do Teatro das Laranjeiras, logo substituído, em 1843 pelo Teatro Tália.

Local de grandes festas, o Palácio e o Teatro, às quais não faltava a família real, foram o palco onde a cidade teve oportunidade de, pela primeira vez, assistir à iluminação a gás. Em 1834 a extinção das Ordens Religiosas fez integrar os conventos masculinos nos bens nacionais; o convento de S. Domingos ficou na posse do Estado, enquanto que o Convento de St.º António da Convalescença foi a leilão dois anos mais tarde, tendo sido arrematado pelo tesoureiro do Banco de Lisboa.

Com a criação da Estrada da circunvalação em 1852, Benfica era atravessada pelos transportes

públicos da altura, omnibus puxados a cavalos, com quatro carreiras diárias no Verão, para Benfica.

A evolução natural dos transportes fez alguns anos mais tarde passar pela freguesia, o Larmanjat, comboio monocarril que saía de Arroios em direcção a Sintra, os Americanos e o Chora, em carreiras organizadas diariamente.

O período da Regeneração e a criação de indústrias veio, então, modificar, substancialmente, a

feição do Bairro. As unidades fabris de estamparia ou de têxteis, fundadas na altura para abastecer os grandes Armazéns estabelecidos em Lisboa, permitiram um crescimento económico da freguesia que se substanciou, também, num aumento demográfico e na construção de bairros de operários. A inauguração do caminho-de-ferro para Sintra no final de oitocentos, possibilitou a abertura do apeadeiro de S. Domingos de Benfica e a ligação directa ao centro da cidade. S. Domingos de Benfica, porém, continuava a ter uma população cuja actividade se dividia entre o amanho das terras, o trabalho nas fábricas e os trabalhos servis nas quintas locais.

Entre 1902 e 1910, Francisco de Almeida Grandella ampliou a sua fábrica de têxteis na Quinta do Loureiro, onde empregava mais de duzentos operários, e promoveu a construção de um bairro para estes e para os seus empregados de armazém, com uma creche e escola primária própria, obra social exemplar e pioneira de outras iniciativas em vários bairros da cidade.

O território que desde 1885, extinto o Concelho de Belém, fazia parte da cidade de Lisboa, conhece então outros momentos de desenvolvimento que se torna imparável desde o estabelecimento, em 1921, de carreiras de eléctricos para o interior do bairro, atravessando toda a Estrada de Benfica. A construção conheceu outra velocidade e depressa os arvoredos, jardins e locais aprazíveis tornaram-se o terreno fértil de urbanizações incaracterísticas, permitindo uma gentrificação de pouca identidade.

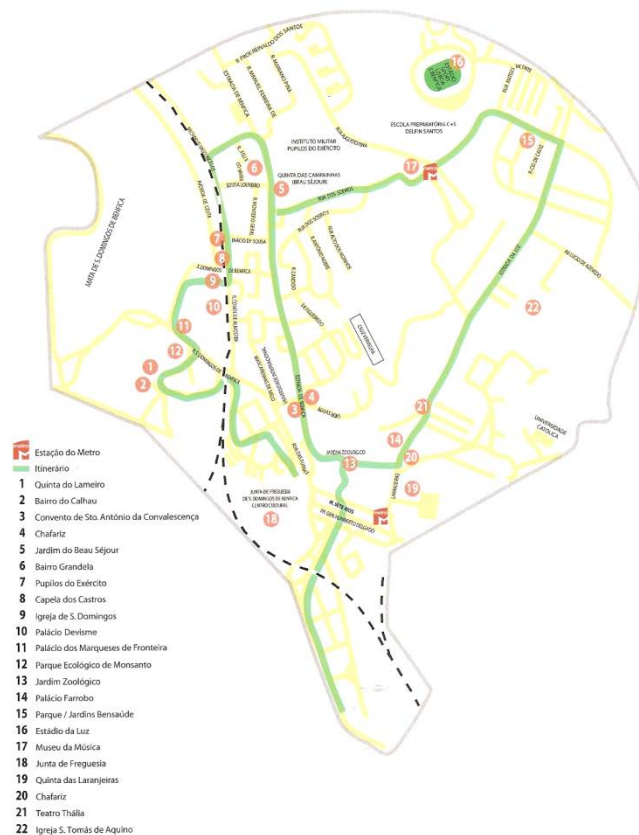
Em 1959, com o estabelecimento das fronteiras das cinquenta e três freguesias da cidade de Lisboa, S. Domingos de Benfica estabelece-se como freguesia independente de Benfica e organiza-se e planifica-se como uma das maiores e populosas freguesias da capital, aliando à riqueza do património construído, um património intangível de tradições, de memórias e paisagens verdes únicas.

2.

Por São Domingos de Benfica

*Um percurso
pela memória dos sítios*

NA ROTA DE SÃO DOMINGOS DE BENFICA



O TERRITÓRIO DA FREGUESIA DE S. DOMINGOS DE BENFICA

A história e a caracterização dos lugares

Várias são as rotas que podemos traçar em S. Domingos de Benfica. Para além da primeira impressão de uma freguesia recente, onde as urbanizações têm menos de um século, há a certeza de um território habitado há muitos séculos, com permanências humanas que lhe deixaram bem marcada a sua história, as suas vivências e as suas recordações.

Um conjunto de património construído de palácios e conventos junta-se a núcleos dispersos de património corrente e popular interessante, que teimam em subsistir, apesar da modernidade das torres em betão que aparecem despontando por todos os sítios.



AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO – 2005
Aqui começava a Estrada de Benfica. As hortas, as quintas e os palácios que durante três séculos identificaram o sítio, deram lugar a uma das Avenidas mais concorridas da cidade.

I – Quem hoje toma a pé a Av. Columbano Bordalo Pinheiro é-lhe difícil consciencializar que está no antigo começo da Estrada de Benfica, por onde, no início do século, a pé, os burgueses e o povo, ao domingo de manhã, ao romper da aurora, carregados com os cestos da merenda, vinham em busca de hortas onde, com bons ares e os amigos, pudessem passar o dia. Alguns aventuravam-se até à Porcalhota, gulosos do famoso coelho à caçadora... Mas a maioria ficava-se pela mata, pelas tascas abertas nas traseiras onde, debaixo dos grandes caramanchões, abriam a cesta, pediam o vinho e se deleitavam em sestas, jogos e cantorias. Sete Rios aparece-nos, então, secos os esteiros que lhe forjaram o nome, como um entroncamento de acesso à cidade. Vias e viadutos projectam a sua sombra sobre o trânsito constante da cidade.

Os primeiros pilares do viaduto principal são já um prenúncio do jardim zoológico ao apresentarem-se como o prolongamento da decoração do metro, em azulejos, da autoria de Júlio Resende, onde os animais nos olham tranquilamente, convidando à visita.

E é o Jardim Zoológico que se impõe como uma mancha verde enorme à nossa frente. Inaugurado em 1884 no jardim de S. Sebastião da Pedreira, por mais alguns sítios deveria andar até estabelecer-se definitivamente na Quinta das Laranjeiras, pertença à altura do Conde de Burnay. Inaugurado aqui em 1905, ficou o Jardim arrendado, até que em 1922, se tornou pertença da Sociedade do Jardim. O seu crescimento, naturalmente imposto pelas condições requeridas por alguns dos animais e pelo aumento das espécies aí representadas, permitiu a sua ampliação, tomando sucessivamente os terrenos das Quintas de Águas Boas e de St.º António, situadas no seu prolongamento para ocidente.



JARDIM ZOOLOGICO
Instalado desde 1904 nos jardins da Quinta do Palácio do Conde de Fátima. O Jardim Zoológico mereceu desde então a atenção da cidade que em várias ocasiões o alargou – com Duarte Pacheco integraram-se os jardins e a azinhaga das Águas Boas e com Raul Lino vários foram os projectos que melhoraram o conjunto do jardim.

Entre 1912 e 1964, o Arq.º Raul Lino foi o responsável por muitos dos equipamentos do Jardim Zoológico, que conheceu realmente um período de expansão até 1974.

A crise provocada pela mudança de interesses e a diminuição de visitas condicionou uma nova estratégia, permitindo ao Jardim modernizar-se a partir dos anos 90, racionalizando o seu espaço de modo a potenciar a sua tripla vocação de parque de diversões, espaço pedagógico e centro de investigação universitário. A criação de uma Associação promovendo “um amigo para cada animal”



CHAFARIZ DE ST.º ANTÓNIO DA CONVALESCÊNCIA
Na Estrada de Benfica, em frente do Convento de St.º António da Convalescência, do qual leva o nome, foi concluído em 1817. Ainda de cariz rocaille, de espaldar, brasonado e encimado de albarda, constitui-se numa meia-laranja em contraponto ao edifício do Convento. Os tempos modernos acrescentaram-lhe uma teta gradeada, preservando-lhe a privacidade do espaço.

veio, também, demonstrar a solidariedade e a consciência de quão pequeno é o hiato entre o homem e os outros seres vivos, permitindo a subsistência dos animais e do jardim. Opte-se então pela Estrada de Benfica. E mesmo que aqui comecemos a rua, os números dos edifícios já vão nos duzentos, deixando os primeiros na actual Avenida Columbano. O Jardim Zoológico à direita, prédios de rendimento à esquerda. O final do muro do Jardim Zoológico é ocupado por um edifício oitocentista que apesar de muito degradado, apresenta uma arquitectura interessante, oitocentista, de um telhado de duas águas. O passeio abre-se de imediato ao belíssimo Chafariz de St.º António da Convalescência, assim denominado por se encontrar justo em frente deste Convento. Construído por ordem de D. Maria I em resposta às inúmeras queixas da insuficiência de água potável na zona, este monumento terá sido, possivelmente, do risco



CONVENTO DE SANTO ANTÓNIO DA CONVALESCÊNCIA (à esquerda) - 1950-1959



TRAV. DE S. DOMINGOS - 2005
Entre as Farnas e a Estrada de Benfica a travessa estreita, quase uma serventa, que nos 50, depois dos pequenos e pobres edifícios desaparecerem, deu azo à rua larga de comunicação entre os dois bairros.

de Honorato José Correia, tratando-se de um belo exemplar arquitectónico, neoclássico, com cornija acabada em vértice, adornada de uma flor de cardo, imitando um botaréu. Ostenta um brasão real de D. João VI e a inscrição "Real Obra de Agoas Livres. Anno 1817."

O tanque, hoje seco, é uma bacia elegante, quase encostada à parede. O arranjo da teia de ferros, que lhe guarda a intimidade de uma meia laranja fora da continuidade do passeio, completa o conjunto. Atente-se agora na fachada do Convento de Sr^o António da Convalescença. Fundado em 1640 tinha como função albergar os freis capuchos enfermos, que aqui vinham na busca de descanso e dos ares do campo. Bastante danificado pelo terramoto, foi de imediato reconstruído e, após a extinção das Ordens Religiosas, foi adaptado a palacete, tendo então sido coberto de azulejos dos séculos XVI-XVII provenientes dos entulhos da Madre de Deus e adquiridos nas últimas campanhas de obra



PANO DE AZULEJO DA UNIVERSIDADE INTERNACIONAL.
Antigo Convento de Sr^o António da Convalescença, construído no início do séc. XVII, para que nele convalescessem os enfermos curados na enfermaria do Convento de São António dos Capuchos na cidade. Extintas as Ordens Religiosas em 1804, o convento foi desactivado e reconstruído para reutilização do Estado pelo Arquitecto Nepomuceno que o decorou com painamentos azuleiros muito interessantes de padrão azul e branco.



Os entalados aparecem-nos, como uma decoração em baixo relevo por sobre as portas de entrada e bem à medida, confinados a um espaço exiguo. De motivos clássicos ou bem populares eles tornam-se decoração minimalista das fachadas lisboetas.

pelo Arquitecto Nepomuceno, então seu proprietário. Esta antiga casa monástica, que já conheceu no seu interior as instalações de uma carpintaria e de um armazém, constitui, actualmente, as instalações da Universidade Internacional.

Mais acima, nesta rua que a contemporaneidade modificou num grande centro comercial, enquanto a colina da direita se preencheu de edifícios de habitação, pode aproveitar-se para, à esquerda, espreitar os interiores de quarteirão, ocupados com oficinas, herdeiras de antigas unidades fabris familiares.

Edifícios dos anos 50, ostentam ainda orgulhosos "os entalados", resistência da escultura na arquitectura simples da época.

A zona, eminentemente residencial, abre-se ao comércio local na Estrada de Benfica. Ao cimo da Rua Cidade de Rabat, em pleno Alto dos Moinhos, encontra-se a Quinta Nova da Conceição, a única Casa de Turismo de Habitação da cidade.

Composta por um palacete anterior ao século XVIII, deve a sua designação à existência, no lugar, de uma capela de invocação a N.ª Sr.ª da Conceição. O palacete é um dos raros exemplos de quinta de veraneio seicentista. Tendo resistido ao terramoto, é pertença e residência dos Condes de Bonfim, que, na actualidade, a transformaram numa Casa de Turismo de Habitação, possibilitando a partilha das instalações dos visitantes com os proprietários.

Apesar das facilidades introduzidas, um court de ténis e uma piscina, o jardim continua a ser um dos encantos desta casa.

As suas dimensões, a raridade e a imponência das espécies tornam esta quinta amena e capaz de ser fruída em belos passeios de tardes tranquilas, quase no centro da cidade.

De volta à via, o jardim do Beau Séjour debruça-se sobre a Estrada de Benfica, um gradeamento verde entrelaçado na vegetação, a convidar à entrada.

A Quinta das Campainhas, como então se chamava pela existência de umas campainhas de vidro de várias cores que pendiam da cobertura metálica de uma parte do passeio sobre o lago, foi propriedade da Viscondessa da Regaleira. Depois de passar à posse do Barão da Glória, capitalista de fortuna feita no Brasil, foi um sobrinho deste, José Leite de Guimarães, verdadeiro mecenas da arte, que fez participar na decoração do palacete alguns dos mais notáveis artistas portugueses da época. O palacete e o jardim sofreram, então, obras de beneficiação, tornando-os naquilo que hoje são.



GEO
O Beau Séjour, conhecida com a Quinta das Campainhas, permite julgar o ambiente aristocrata da Estrada de Benfica. Recuada a casa da frente de rua, no fundo do Jardim, a sua fachada apresenta dois corpos laterais alçados de janelas em meia-lua e um azulejamento de fachada muito interessante, em especial nos frontões de meia-lua. O Jardim Romântico do Beau Séjour debruça-se sobre a Estrada de Benfica, assim como a Casa da Espera com a sua abóboda de azulejo dourado.

É admirável a casa de jantar com o candeeiro e alguns enquadramentos de azulejos de Rafael Bordalo Pinheiro. Dele também é o grande lavatório de cerâmica que ocupa a parede fronteira à porta da sala de jantar. Maria Augusta Bordalo Pinheiro pintou, em vidro, alguns motivos florais, que se encontram assinados. As outras salas possuem uma decoração oitocentista, realçando a beleza dos tectos pintados e a qualidade da intervenção plástica. A sala de música, com um fogão de sala tardio, ostenta um belíssimo tecto pintado da autoria do pintor Francisco Vileça, sendo as demais das outras salas da responsabilidade de Columbano.

Pertença da edilidade, o Beau Séjour está hoje ocupado pelo Gabinete de Estudos Olisiponenses, constituindo-se como um dos melhores exemplos de casa burguesa dos finais de oitocentos. Merece uma visita atenta ao seu interior e um passeio tranquilo no jardim romântico.

Em frente, o conjunto urbano em cor almagre é o Bairro Grandella, construído no início de novecentos pelo industrial Francisco Grandella.

Agudizava-se em Lisboa, no dealbar do século XX, o problema habitacional: a especulação imobiliária e o grande surto demográfico que a industrialização da cidade provocaram, fizeram nascer um outro tipo de núcleo urbano, muito sui generis, chamado vilas ou bairros operários, solução encontrada pelos proprietários e pelas autarquias para o grave problema da falta de habitação. Da responsabilidade do construtor J. Pedro dos Santos, este bairro destinava-se a alojar os operários da Sociedade Algodoeira do Fomento Colonial e os empregados dos Armazéns Grandella, empresas de Francisco Grandella.

O conjunto, disposto ao longo de três ruas perpendiculares à Estrada de Benfica, tem várias tipologias, consoante o estatuto do morador. Preocupado com os problemas sociais e grande



BAIRRO GRANDELLA
Construído a partir de 1902



BAIRRO GRANDELLA
Na estrada de Benfica, este bairro operário, mandado edificar por Francisco Grandella em 1901 na Antiga Quinta dos Lourenços, constitui um dos melhores exemplos de habitação operária em Lisboa.
Com uma frente de rua constituída por dois edifícios Neoclássicos de frontão triangular com a divisa de Grandella – “Sempre por bom caminho e segae” – os restantes edifícios, dispostos em banda por três ruas, completavam-se por uma creche, escola e Vacaria.



Detalhamento do frontão
Detalhamento do empedrado

mecenas da cultura Francisco Grandella dotou o bairro de vacaria, creche e escola. Virados à rua principal dois edifícios ostentam um frontão triangular com simbologia maçónica e a divisa do proprietário "sempre por bom caminho e segue."

O belo edifício que continua a Estrada de Benfica e que pega ao Beau Séjour pertence ao Instituto Militar dos Pupilos do Exército, e um pouco mais adiante encontra-se o Museu da República e Resistência, detentor do valioso espólio que a edilidade possui acerca da primeira República. No outro lado da rua a pastelaria Califa, templo da glotonaria lisboeta, é um ex libris da Freguesia, pela antiguidade e pela contemporaneidade.

Na rua António Saúde, estamos quase no limite da freguesia, e aí, no nº 13, ergue-se a Quinta da Alfaroqueira, residência do arquitecto austríaco da corte de D. João V, Frederico Ludovice. Construção destinada a casa de campo do seu construtor, apresenta-se como um repositório de elementos e formas arquitectónicas experimentadas durante a construção do Convento de Mafra ou mesmo do Palácio da rua de S. Pedro de Alcântara, sua residência no centro da cidade. A tradição conta que querendo construir uma "choupana" o Arquitecto pediu ao rei as sobras de materiais do convento de Mafra, ao que aquele lhe terá respondido "faz antes um palácio e uma mata, onde eu possa ir caçar..." O resultado foi um dos mais interessantes edifícios em estilo joanino, com planta e linhas harmoniosas e sóbrias, que se encontra na cidade.

Ocupado pelos Serviços de Saúde do Exército, que nele se instalaram em 1943, a casa continua como um dos bons exemplos arquitectónicos da primeira metade de setecentos.

Merecem uma referência muito especial dois elementos deste palácio: A capela, uma miniatura barroca em embrechados de mármore policromos, enquadrando uma série de painéis de motivos



QUINTA DA ALFAROQUEIRA - 1968



QUINTA DA ALFAROQUEIRA - 2005
Integrada hoje na cidade, esta quinta de veraneio do Arquitecto de Mafra é um exemplo da arquitectura urbana civil de antes do terramoto. Refuncionalizada conserva a sua estrutura e sobriedade artística indomita.



Portão da Quinta da Alfaroqueira

religiosos, pintados por artistas italianos. E o tanque, octogonal, de dois andares sobrepostos, com as paredes revestidas a azulejos setecentistas, com cenas marítimas e uma escadaria de acesso, barroca, aberta em forma de leque, situado no jardim das traseiras.

O jardim convida ao lazer e à fruição do silêncio e dos bons ares que restam, para lá da azáfama do dia a dia.

Pela rua Conde de Almoester em direcção ao centro da cidade, caminha-se ao longo da via-férrea até à rua de S. Domingos. Uma passagem aérea permite aceder ao núcleo monumental da freguesia. No Largo de S. Domingos de Benfica ergue-se o Convento de S. Domingos, fundado no século XIV, em terrenos doados por D. João I, e no local onde se ergueu o Paço Dionísio.

A Igreja, com invocação de Nossa Senhora do Rosário, é paróquia e Igreja Matriz da freguesia desde 1959. O Convento, extintas as Ordens Religiosas, passou à posse do Estado que, em 1910, o cedeu ao Instituto Profissional dos Pupilos do Exército.

A Igreja, reedificada em 1642, constitui um exemplar característico do barroco seiscentista, sóbrio no exterior e decorada no interior.

O Altar-mor, vazado, em mármore rosa, deve-se ao cinzel de Jerónimo Correia, enquanto que a imagem de Nossa Senhora do Rosário é da responsabilidade do escultor Manuel Pereira. Por detrás deste altar-mor, encontra-se disposto o coro cujo cadeiral em volta da arca tumular de João das Regras, jurista da crise política de 1383/85, que nas cortes justificou o direito de D. João I à coroa portuguesa, é uma jóia barroca. João das Regras foi também o grande incentivador à doação do terreno para a construção do convento. Assente sobre quatro leões, este túmulo de jacente com os pés apoiados sobre um letreiro e com intervenções posteriores da lavra do



CAPELA DE SÃO GONÇALO DE AMARANTE
Octogonal de cúpula de cascoões construída em jaspé, esta capela, no lado direito do transepto, data de 1685, quando o então bispo do Brasil, Frei Manuel Pereira, a mandou erguer. Além do nicho de todos os nichos com imagens apresenta a particularidade de a esttua do altar-mor, S. Gonçalo, estar ladeado de duas colunas salomónicas em brecha da Arrábida.

arquitecto José Maria Nepomuceno, é um dos bons exemplos quatrocentistas da arte tumular portuguesa e classificado de Monumento Nacional.

Oliveira Bernardes foi o ceramista responsável dos grandes painéis de azulejos azuis e brancos que contam a história de S. Domingos e André Gonçalves o autor das pinturas sobre tela. Do lado direito da Igreja uma pequena capela octogonal, dedicada a S. Gonçalo de Amarante, merece um olhar atento, pela estrutura arquitectónica centrada e por toda a decoração de pedra, com nichos arrendados e esculturas no interior. Numa dependência da esquerda do altar-mor encontra-se a pedra tumular de Frei Luís de Sousa e na memória dos locais sente-se a permanência de Frei Bartolomeu dos Mártires. O convento, pertença do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, absorveu todas as dependências, encontrando-se no seu centro o claustro simples da casa religiosa,



INSCRIÇÃO DA SEPULTURA DE FREI LUIS DE SOUSA
Imortalizado por Almeida Garrett, este frei, biógrafo da vida de Frei Bartolomeu dos Martyres encontra-se sepultado na capela direita do altar-mor. Sepultura singela a marcar a importância da sua passagem pelo convento.

para onde se abre a capela dos Castros. Objecto único e original da arquitectura religiosa e arte portuguesas foi esta capela fundada por D. Francisco de Castro, neto de D. João de Castro, na primeira metade do século XVII. Classificada como Monumento Nacional, foi destinada pelo Bispo Inquisidor-Geral para seu jazigo e de sua família. Estupenda nos materiais utilizados, dispõe de quatro túmulos em mármore onde repousam os restos de D. João de Castro, sua mulher e seu filho D. Álvaro de Castro e mulher, bem como as sepulturas de outros membros desta famosa família. São os túmulos, contudo, que revestem as paredes laterais, suportados por elefantes e numa disposição arquitectónica de pagodes chineses, que atraem a atenção pela semelhança com os túmulos reais dos Jerónimos.

As imagens de Nossa Senhora e de São Domingos, foram, segundo a tradição, ofertadas pelo Imperador Carlos V, ao Infante

D. Luís em sinal de gratidão pela colaboração prestada aquando da tomada da cidade de Tunes. Este nobre português daria, então, as imagens a D. João de Castro, avô do Bispo fundador, ficando as mesmas na família.

Do lado sul, confinando com a Igreja, numa enorme propriedade, encontra-se o Palácio Dévisme mandado construir no século XVIII, por um rico mercador francês, contratador de pau-brasil ao tempo do Marquês de Pombal, de seu nome Gérard De Visme, que o encomendou ao arquitecto



PALÁCIO DÉVISME
Esta Quinta de Dévisme ou da Infanta foi mandada construir por um rico mercador francês, na antiga Quinta de Baixo. Adquirido em 1834 pela Infanta Isabel Maria sofreu algumas modificações estruturais que lhe melhoraram a fisionomia. Da traça de I. Oliveira Fernandes é de realçar a galeria que corre ao nível do piso térreo.

Inácio de Oliveira Bernardes. Palácio barroco, ao gosto da época, exuberantemente decorado de estátuas e plantas exóticas, constituiu-se como um verdadeiro museu etnográfico e arqueológico. Passado à propriedade da Infanta D. Isabel Maria em 1834, o palácio foi ampliado com mais uma ala e beneficiado na sua decoração.

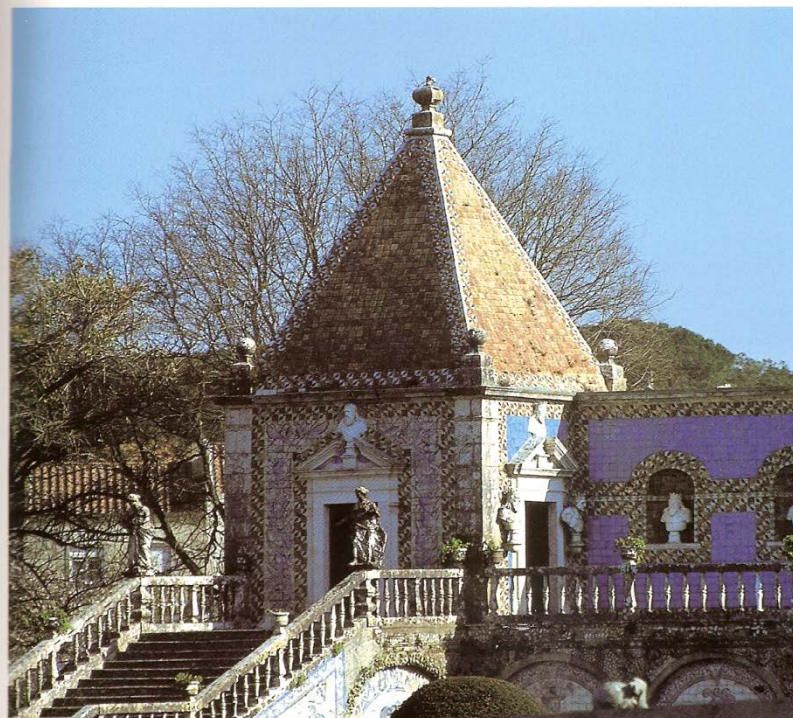
Pela morte da princesa, a casa foi transformada em colégio por D. Teresa de Saldanha de Oliveira e Sousa. Em 1910, passou à posse do Estado constituindo hoje as instalações do Instituto de Reinserção Social de São Domingos de Benfica.

Apesar das muitas alterações o palácio conserva no seu exterior, a estrutura inicial a julgar por uma pintura do francês Jean Pillement que viveu em Portugal e o retratou numa pintura que se encontra hoje no Museu de Artes Decorativas de Paris.

O interior, muito modificado, faz sobressair a capela como o elemento arquitectónico e decorativo melhor conservado de toda a casa.

No muro exterior desta quinta, integrado no conjunto arquitectónico, abre-se um chafariz claramente diferente dos chafarizes da rede do Aqueduto das Águas Livres. Concluído em 1787, encontra-se rebaixado em relação à actual estrada e é dividido verticalmente em três corpos, sendo o corpo central o chafariz principal. Dois golfinhos de caudas entrelaçadas, uma tabela com lacrimários, um tanque rectangular e um botaréu piramidal completam o conjunto.

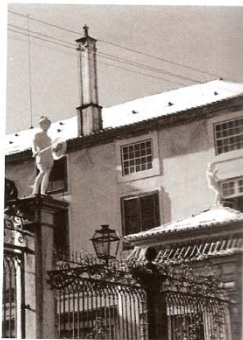
Este largo, muito apazível, foi planificado com cuidado permitindo às árvores centenárias permanecerem pelo meio do parque de estacionamento que serve as instituições e as casas da zona. A proximidade do Parque de Monsanto, salpicado de casario ralo, e o seu estatuto de periferia, permite um ambiente tranquilo e silencioso, apesar do movimento automóvel constante.



GALERIA DOS REIS DO PALÁCIO FRONTEIRA
Voltada aos jardins esta galeria rematada por dois torreões de telhado de bico, além dos azulejos azuis e cobreados, relevados, apresenta no corredor os bustos dos reis portugueses.



PALÁCIO DOS MARQUES DA FRONTEIRA – 1940-1949
Pátio de entrada



1945
Coberto de neve

O Palácio Fronteira domina o largo. É, talvez, um dos mais extraordinários palácios portugueses do final de quinhentos, pela sua estrutura arquitectónica, pela decoração única de azulejos e pelos jardins barrocos originais.

Construído em 1584, tomara este seu aspecto original depois das obras efectuadas na primeira metade do século XVII por ordem de D. João de Mascarenhas, 1º Marquês de Fronteira e herói da guerra da Restauração. A ampliação e as poucas modificações de que foi alvo depois do terramoto quando a família vendo a sua casa destruída nas Chagas, resolveu mudar-se definitivamente para aqui, não lhe modificaram o aspecto, apenas o reforçaram.



PALÁCIO DOS MARQUES DA FRONTEIRA
Construído entre o séc XV e XVII, a sua fachada principal, voltada à estrada, é valorizada pelo pórtico brasonado, a galeria para o pátio de honra e vestibulo. Todo o conjunto em cor almagre que faz sobressair o revestimento azulejar é estupendo a deixar adivinhar o traçado dos jardins.



São notáveis os exemplos de azulejaria, a Sala das Batalhas com azulejos representando as várias batalhas entre portugueses e castelhanos em 1640, a galeria exterior com grande figuras simbólicas sobrepujadas de medalhões Dela Robbia ou a capela e os muros do jardim, os estuques profusos dos tectos, o piso e a escadaria de acesso ao primeiro andar, em mármore de Carrara, a balaustrada de mármore rosa assim como as oito esferas de mármore do andar superior, ou como o mobiliário e um conjunto de pintura que atestam bem a vivência permanente da casa.

A capela pequena com revestimento azulejar alberga um presépio do escultor Machado de Castro e, segundo reza a tradição, foi o local onde S. Francisco Xavier rezou a sua última missa em Portugal.

O Jardim Barroco possui um conjunto de elementos interessantes: a Casa do Fresco onde, por entre pedaços rotos de pedras, aparecem fundos de pratos e pedaços de cerâmica indo-portuguesa; os azulejos grotescos que revestem os muros baixos das fontes; a Galeria dos Reis, onde de propósito os Filipes não figuram; o Lago onde os painéis dos Cavaleiros fazem lembrar a história de cavalaria medieval portuguesa.

E por entre as muitas estátuas que adornam colunas, pedestais e nichos, a original escultura na Galeria dos Reis que representa a Ocasião. Em equilíbrio, de cabelos ao vento é uma alegoria única na história da arte portuguesa.

Residência da Marquesa da Alorna foi neste jardim que se gizou a fundação da Arcádia Lusitana. Pertença actualmente da Fundação das Casas Fronteira e Alorna continua a ser residência da família, vivendo nela hoje o 12.º Marquês de Fronteira, D. Fernando de Mascarenhas.

Aberto a visitas das 10 às 12, o palácio tornou-se verdadeiro centro de cultura, abrindo as suas portas a conferências e seminários e promovendo a cultura e a história portuguesa através das actividades da Fundação.

Pela colina estende-se o Parque de Monsanto, criado por decreto, em 1934. Seria plantado quatro anos mais tarde por impulso do Eng.º Duarte Pacheco, constituindo-se actualmente por 145 hectares de zonas verdes com espécies únicas e fauna própria.

Deixa-se agora Monsanto, verde único e imenso cortado, de quando em vez, pelas torres respiradores do aqueduto e desce-se em direcção à via-férrea.

O edifício amarelo é a Quinta do Lameiro: construído entre 1670/80 por ordem dos viscondes Sanchez Baena estava destinado a habitação da família. Desentendimentos com o rei levaram à



QUINTA DO LAMEIRO

À entrada do horto do Galhau, em ocre esta quinta construída em 1670/80 pela Família Sanchez Baena e hoje na posse da família Oom, é um belíssimo exemplo de quinta do termo, possivelmente várias vezes acrescentada pelo conjunto de construções que fazem desta arquitectura um aglomerado coerente.

expulsão do reino e à confiscação dos bens do visconde.

Comprado o edifício por um alemão passou depois à posse de várias famílias sendo hoje propriedade da família Oom. Porém o primitivo palácio sofreu grandes melhorias com a intervenção de Jorge Almeida Lima, precursor da fotografia em Portugal, que aumentou e beneficiou a casa com colecções de obras de arte e azulejaria provenientes do Convento de St.º António da Convalescença.

Por detrás desta quinta que tem todas as características de terreno rural, encontra-se o Bairro do Calhau. Construído na passagem do século XVII para o Século XVIII, foi transformado num Bairro Social nos anos 80, por intervenção da Câmara Municipal de Lisboa.

Esta intervenção, contudo, foi feita tendo em conta as características rurais do bairro e a sua envolvência de verde, com vias de circulação pedonal e um parque de merendas, fazendo lembrar os domingos nas hortas do início do século.

Pela passagem pedonal voltamos à rua de S. Domingos de Benfica. Antes de virar à Rua Raul Carapinha repare, nesta Rua das Furnas, numa placa em ferro esmaltado com um Cavaleiro. Família de artistas pintores, encontram-se aqui, hoje os artesãos de soldadinhos de chumbo, destinados aos



O BAIRRO DO CALHAU
Interessante aglomerado habitacional, de carácter simples e pobre que os tempos modernos modificaram em habitações para uma burguesia endinheirada.



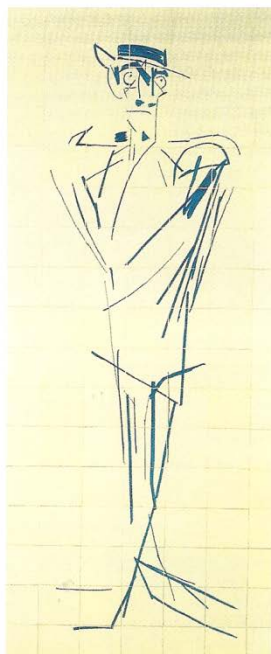
SOLDADINHOS DE CHUMBO
Coleccionadores e artistas são os clientes habituais destes soldadinhos de chumbo feitos à rigor, com todo o detalhe.

coleccionadores, procurados por toda a Europa pela perfeição, variedade e originalidade. Neste bairro em franco crescimento construtivo ergue-se a Igreja Paroquial de S. Domingos, ou a Igreja das Furnas, construída em 1973, com um projecto do Arquitecto Alberto Camacho. É um edifício de grandes dimensões, onde a funcionalidade é obtida pela articulação do sagrado e da sala polivalente com a inserção da igreja na comunidade.

De traça modernista, sem detalhes de realce arquitectónico, possui um chafariz de mármore branco vindo da Quinta de St.º António. No topo da Rua Raul Carapinha encontra-se o edifício que alberga a Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica, e o Centro Cultural João das Regras, com uma actividade cultural importante, um ginásio, uma biblioteca, o centro e uma série de eventos proporcionando aos fregueses uma participação efectiva no dia a dia da cidade.



CENTRO CULTURAL JOÃO DAS REGRAS



Estação de Metro Alto dos Moinhos

Na rua de São Tomás de Aquino encontra-se a Igreja de São Tomás de Aquino, de roupagens arquitectónicas urbanas, quase despercebida no interior do bairro, não fora a torre tipo zigurate, encimada de cruz.

Pela Rua dos Soeiros o panorama é sobre o novo Estádio da Luz, da propriedade do Sport Lisboa e Benfica. Iniciado em Belém, na Farnácia Franco, no ano de 1904, este clube só viria estabelecer-se aqui, em S. Domingos de Benfica, em 1954. 2003 é o ano da construção deste novo Estádio, da traça do Arquitecto Damon Lavelle, erguido no âmbito da realização do Europeu de Futebol 2004 em Portugal. Com uma capacidade para 65000 espectadores, este novo equipamento insere-se numa nova linha de complexo de estádio, áreas de lazer, de entretenimento e alguns espaços culturais.

O Alto dos Moinhos, no interior das duas vias principais, é o nome da Estação de Metro, mas foi realmente o centro da moagem do termo da cidade. A comprová-lo a existência no lugar de três exemplares desses engenhos, muito degradados, dois adaptados a habitação e outro, pertença da Quinta do Moinho Encarnado, que foi alteado com um mirante.

A Estação de Metro merece uma visita atenta. Pela qualidade



Os poetas portugueses no traço de Pomar, na Estação do Metro do Alto dos Moinhos

e originalidade dos azulejos de Júlio Pomar que, homenageando, quatro poetas portugueses, conseguiu, em traço esgrafitado, apreender-lhes a personalidade e torná-los reconhecíveis ao viajante apressado. Apesar de cada estação de metro ser um autêntico museu de artes, o Alto dos Moinhos alberga, um museu único na cidade, aí instalado desde 1994: o Museu da Música. Localizado aqui ao abrigo do programa Lisboa Capital Europeia da Cultura naquele ano, ele veio ao encontro da vontade do Metro de transformar cada estação em verdadeiros museus subterrâneos.

O Museu da Música possui a colecção de instrumentos musicais, partituras, pinturas, recolhida ao longo de décadas pelo músico Michel'Angelo Lambertini, à qual vieram juntar-se as colecções de